

Fonte: Isto é

Class.: 64

Data: 30.04.86

Pg.: 36

ANTROPOLOGIA

Odisséia kraô

Duas semanas atrás, nove índios da tribo Kraô deixaram a sua aldeia de Pedra Branca, às margens do rio Tocantins, no norte de Goiás, e partiram em sigilosa expedição rumo ao sul. Buscavam uma machadinha de pedra polida e cabo de madeira, chamada *kyire* – precioso objeto ritual que há cerca de meio século desapareceu da aldeia. A machadinha, em forma de meia-lua, foi localizada em 1947 no município goiano de Pedro

tou mais as músicas ensinadas pelos espíritos.” Na lenda kraô, o índio Hartant e seu cunhado enfrentam vários perigos, até encontrarem o espírito que cantava com a machadinha nas mãos. Fascinados pela música, os dois lhe pedem a *kyire*. O espírito a entrega, mas avisa: “Não deixem nunca a *kyire* parada, ela não pode ficar quieta”. A história é contada pelo velho Penon, um dos três líderes kraô que ainda sabem o ciclo completo de cantigas rituais associadas à machadinha.

Assustados com a falta de entusiasmo da juventude pelas tradições da tribo, os índios mais velhos decidiram resgatar de qualquer modo a *kyire*, que representa essa epopéia fundamental da nação Kraô. Assim, no último dia 18, acompa-



A machadinha kraô: uma busca de 50 anos

Afonso, não longe de Pedra Branca, pelo antropólogo alemão Harold Schultz, que a levou para o Museu Paulista, o famoso Museu do Ipiranga, da Universidade de São Paulo (USP), onde desde então está exposta numa vitrine. Só em 1982 os Kraô souberam do paradeiro da *kyire*. Trataram de certificar-se de sua autenticidade – e, finalmente, no último dia 18, através de uma comissão de nove “embaixadores”, desembarcaram no Museu do Ipiranga, dispostos a reaver seu pequeno tesouro.

Objeto ritual surgido há quatrocentos anos e que tem origem num mito épico dos Kraô – o mito Hartant, o herói cultural máximo do grupo –, a machadinha é associada a um vasto ciclo das cantigas e canções rituais da tribo, hoje parcialmente esquecidas. “Eu era menino quando a *kyire* saiu da aldeia, mas ainda lembro dela”, diz Pedro Penon, 70 anos, conselheiro da tribo Kraô, reduzida agora a cerca de mil índios. “A *kyire* era para nós como a bandeira para vocês. Depois que desapareceu, ninguém can-

nhados de Ailton Krenak, coordenador da União das Nações Indígenas, os Kraô negociaram com o diretor do Museu do Ipiranga, Orlando Marques de Paiva, a devolução da machadinha. Não houve luta nem guerra. Num clima pacífico, eles preencheram um ofício, enviado ao reitor da USP, pedindo a baixa da *kyire* do museu, onde está registrada como patrimônio da universidade e “emblema do melhor cantor da aldeia”. “O inte-

resse dos Kraô, um grupo que tem cerca de trezentos rituais diferentes, em recuperar a machadinha é o de não perder o seu patrimônio cultural”, diz o antropólogo Gilberto Azanha, do Centro de Trabalho Indigenista (CTI), que acompanha esse grupo indígena desde 1976.

Azanha explica que a nação Kraô é uma sociedade de festas, onde os rituais envolvem trocas de alimentos e brindes. As festas chegam a durar quatro meses, e a atividade econômica existe apenas como suporte para os rituais. Quando a *kyire* chegar na aldeia, ficará sob a guarda de um velho cantador, e os Kraô darão uma grande festa para relembrar o ciclo completo de suas cantigas. “Ainda bem que o Harold Schultz levou o machado para o museu, que o preservou e agora poderá devolvê-lo aos índios”, diz o antropólogo. De fato, um outro exemplar foi perdido para sempre, e sabe-se apenas da existência de mais duas *kyires*: uma dos índios Canela, que se encontra no Museu de Etnografia de Paranaguá, no Paraná, e outra que está na Alemanha. ▲

SERGIO MORAES